

# **Música na Universidade: os primórdios da formação superior do professor de música no estado do Piauí**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

*João Valter Ferreira Filho*

*Universidade Federal de Campina Grande – joao.valter@ufcg.edu.br*

**Resumo:** O presente trabalho aborda os processos históricos iniciais e a trajetória dos professores que protagonizaram a fundação do primeiro curso superior em Música no estado do Piauí: a Licenciatura Curta em Música da UFPI. Realizada com fundamentação teórica baseada nos princípios da Nova História Cultural – lançando mão de depoimentos orais e escritos e da análise de fontes imagéticas, hemerográficas e documentais – a pesquisa revela a participação decisiva de professores de outras regiões do país, bem como as dificuldades iniciais para a implantação de um curso superior em música naquele estado.

**Palavras-chave:** Música no Piauí. Licenciatura curta. Formação de professores.

## **Music at university: the beginnings of the higher education of the music teacher in Piauí**

**Abstract:** This work addresses the initial historical processes and the trajectory of teachers who staged the foundation of the first degree in Music in that state: the UFPI's Short Degree in Music. The survey was conducted with theoretical framework based on the principles of New Cultural History, making use of oral and written testimonials and analyzing different sources, as images, newspapers and official documents. The research reveals the decisive participation of teachers from other parts of the country and the initial difficulties for the implementation of a degree in music in that state.

**Keywords:** Music in Piauí. Short degree. Teacher training.

### **1. Música na Universidade: as primeiras oficinas de música da UFPI**

Por razões as mais diversas, o Piauí tem sua história marcada por uma série de fatores que ocasionaram um considerável vácuo institucional no que diz respeito ao ensino de música. Em 1975, ano em que seriam abertas as oficinas livres de música na UFPI, a capital do estado possuía apenas duas instituições formais de ensino musical: o Departamento da Academia de Música Lorenzo Fernandes, que era uma escola de música particular mantida como uma espécie de franqueada à sede da AMLF, situada no Rio de Janeiro, e o CEPI – Centro de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares – órgão governamental estadual fundado em 1972, que tinha como objetivo capacitar, em caráter técnico e emergencial, professores do ensino primário e secundário para trabalhar as diversas modalidades artísticas no cotidiano escolar. Esse Centro de Estudos tinha suas atividades musicais conduzidas por dois especialistas que vieram do Distrito Federal através de convite especial feito pelo Governo do

estado: o compositor paraibano Reginaldo Carvalho e o pianista e regente argentino Emílio Terraza.

Reginaldo Carvalho (1932-2013) havia sido aluno de composição e regência de Heitor Villa-Lobos, no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Em Paris, estudou com Paul Le Flem, entre 1952 e 1956, e Pierre Schaeffer, no ano de 1964. Entre os anos de 1960 e 1966 esteve a serviço do Ministério da Educação e Cultura, onde recebeu a incumbência de pesquisar e propor novos métodos de educação musical para o país (SILVA, 2009). Em 1956 sucedeu Villa-Lobos na Direção do CNCO e, posteriormente, conduziu sua transformação em Instituto Villa-Lobos, hoje anexado à UNIRIO. Quando recebeu o convite para se transferir para o Piauí, coordenava a implantação da educação musical na rede pública de Brasília.

Emilio José Terraza (1929-2011) estudou piano, composição e regência em Buenos Aires, no Rio de Janeiro e em Paris, e residia no Brasil desde 1959. Com intensa atividade junto aos mais diversos campos de atuação musical, foi regente da Orquestra Sinfônica da Universidade do Rio de Janeiro (1959-1964), conselheiro da Ordem dos Músicos do Brasil (1962-1968), e professor de Música da Universidade de Brasília (1969-1972), atividade da qual se afastou temporariamente para auxiliar Reginaldo Carvalho em Teresina.

Após dois anos de trabalhos no CEPI, os professores perceberam que um curso técnico-profissionalizante não seria o suficiente para o desenvolvimento de uma Educação Musical mais consistente no estado. Terraza, que mantinha relações de amizade com o então reitor da Universidade Federal, Camilo da Silveira Filho, propôs, então, a implantação de cursos de extensão em música, aventando a possibilidade de uma posterior evolução para uma licenciatura. Definidos os detalhes iniciais, ficou acordado que, naquele primeiro momento, Reginaldo Carvalho continuaria trabalhando exclusivamente no CEPI, ao passo que Emilio Terraza passaria a se dedicar com mais intensidade aos trabalhos na universidade<sup>1</sup>.

De acordo com o depoimento oral de Reginaldo Carvalho (2008), a autorização recebida para esses primeiros cursos musicais na universidade foi de caráter informal<sup>2</sup>. Eles foram implantados em regime de extensão, tendo ligação direta com o Setor de Artes da FUFPI, organismo não acadêmico que havia sido criado um ano antes, com o intuito de sensibilizar a comunidade universitária para as atividades pertinentes ao campo artístico-cultural.

Os cursos, chamados de *Oficinas Criativas*, possuíam inscrição franqueada a toda a comunidade, independentemente de conhecimentos musicais prévios ou exame seletivo, e começaram a ser ofertados a partir do primeiro período letivo de 1975. Sua identidade

pedagógica estava fincada nos princípios das Oficinas de Música, metodologia à qual Reginaldo Carvalho estava ligado desde os tempos de sua permanência como Diretor do Instituto Villa-Lobos, no Rio de Janeiro, e também largamente utilizada por Terraza na época em que este havia composto o quadro docente da UnB. Para auxiliar o professor argentino no planejamento e execução das oficinas, a universidade cedeu parcialmente a professora do Curso de Licenciatura Curta em Educação para o Lar Gislene Rodrigues Lemos de Macêdo (1945-), que era graduada em Música Sacra pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, de Recife, e que passou a lecionar as disciplinas Técnica Vocal e Canto.

Dando prosseguimento ao plano de criar, a partir das oficinas recém-inauguradas, um curso superior de Música, iniciou-se a articulação com os futuros professores ainda no segundo semestre de 1975, antes mesmo de o curso ter seu funcionamento autorizado. O primeiro professor convidado a vir se estabelecer no Piauí com esse intuito foi Luís Botêlho.

Luís Botêlho Albuquerque (1947-) era bacharel em violino pelo Conservatório de Música da Universidade Federal de Goiás e graduado em Composição e Regência pela UnB. Foi um dos principais articuladores da pedagogia das Oficinas de Música no Distrito Federal na década de 1970 e, àquela época, trabalhava como Coordenador de Educação Musical para o 1º Grau na FEDF – Fundação Educacional do Distrito Federal. Segundo seu depoimento:

De 1967 a 1971 estudei no Curso de Música do Instituto de Artes e Arquitetura da UnB [...]. Neste período foi marcante a experiência de estudante como integrante do Coral da UnB, pelo contato formador principalmente com Emilio José Terraza [...]. Através do Prof. Emilio Jose Terraza, à época Coordenador do Setor de Artes da UFPI (1975), fui convidado a uma visita ao trabalho [...] (ALBUQUERQUE, depoimento escrito, 2008).

Além de Botêlho, foram convidados outros dois educadores para compor o futuro quadro docente: Emmânuel Coelho Maciel (1935-2015) e Carlos Alberto Farias Galvão (1955-2009). O professor Emmânuel explica em seu depoimento que:

Naquele tempo eu desenvolvia vários trabalhos de Música orquestral no Distrito Federal, além de ser vice-diretor da Escola de Música de Brasília. Disse ao Terraza que aceitava o convite, mas pedi que esperasse até o ano seguinte, quando se encerraria meu mandato na EMB. (MACIEL, depoimento oral, 2008).

Cedidos formalmente pela FEDF à UFPI, Luís Botêlho e Carlos Galvão se mudaram ainda em 1975 para Teresina e iniciaram sua atuação ainda nas Oficinas Criativas.

O professor Emílio Terraza permaneceu coordenando os trabalhos de música na universidade até o final do ano, quando retornou a Brasília, onde reassumiu suas antigas funções na UnB.

## **2. A implantação da Licenciatura Curta em Música da UFPI**

A autorização para o funcionamento do curso designado como Licenciatura Curta em Música para o 1º Grau – LCM – deu-se através do Ato da Reitoria n. 33/76, de 04 de fevereiro de 1976. O curso, que foi vinculado ao Departamento de Artes Práticas, abriu inscrições para o concurso vestibular naquele mesmo mês.

A análise da relação de matriculados da turma inaugural do Curso (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 1976c) nos revela que a maioria dos aprovados nesse primeiro vestibular era composta por ex-alunos do CEPI e do Departamento da AMLF, alguns dos quais já com considerável atuação no meio artístico teresinense. As aulas tiveram início ainda no mês de fevereiro de 1976, sendo ministradas pelos professores Luís Botêlho, Carlos Galvão e Gislene Macêdo. Em junho daquele mesmo ano chegou a Teresina o professor Emmânuel Coelho.

Emmânuel Coelho Maciel graduou-se em Violino pela Universidade Mineira de Artes e especializou-se em Educação Musical pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Desenvolveu uma intensa vida profissional como concertista e professor nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Amazonas e em Brasília, onde foi professor-fundador da Escola de Música de Brasília. O professor ocupava a vice-diretoria daquela instituição quando, em 1976, veio morar em Teresina. Segundo suas palavras:

Eu lembro como se fosse hoje. No dia 08 de junho de 1976, ali pertinho das 16h, eu cruzava a ponte metálica do Parnaíba em minha Brasília de cor branca, após uma sacrificada viagem desde o Distrito Federal. Em minha bagagem vinham discos, partituras, meu violino, sempre fiel, e o desejo de contribuir para aquela revolução musical no Piauí. (MACIEL, depoimento oral, 2008).

O curso foi concebido numa abordagem essencialmente prática e em uma linguagem que procurava aliar aos estudos acadêmicos a experiência com a Música popular e folclórica. Sendo licenciatura de curta duração, seu currículo foi planejado para acontecer em dois anos e tinha como finalidade principal a formação de professores de Música. Também foram criados grupos musicais que serviriam, ao mesmo tempo, como instrumental pedagógico para o ensino dos instrumentos e como meio de inter-relação entre a Universidade e a comunidade teresinense. Os primeiros grupos a serem criados foram: (1) o Trio de Cordas,

dirigido por Emmânuel Coelho Maciel, (2) o Coral do Setor de Artes, sob a coordenação de Luís Botelho, e (3) o Grupo de Música Popular, cuja coordenação coube ao professor Carlos Galvão.

Carlos Alberto Farias Galvão era licenciado em Educação Musical pelo Instituto Villa-Lobos e bacharel em Composição, Regência e Contrabaixo pela UnB. Além de ministrar aulas na Escola de Música de Brasília, também havia trabalhado na FEDF e em projetos que aliavam os estudos acadêmicos à prática da Música Popular. Na UFPI, além de elaborar projetos relacionados à área da Etnomusicologia, Carlos Galvão dedicou-se a escrever arranjos e a ensaiar com alunos e outros professores um repertório que incluía versões mais rebuscadas da Música Popular Brasileira em voga no momento e de melodias folclóricas brasileiras.

Ainda no ano de 1976, foi convidada para compor o quadro docente do curso a professora Maria Amélia de Azevedo Ribeiro (1949-), graduada em Piano pela Academia de Música Lorenzo Fernandes, do Rio de Janeiro, e co-fundadora do Departamento da AMLF em Teresina. Em suas palavras:

Ingressei como professora na UFPI em 1976, [...] haviam sido admitidos ainda os professores Emmânuel Coelho, Luís Botelho, Carlinhos Galvão e Gislene Macedo. Levamos adiante, então, o curso, com esta equipe integrada e disposição para vencer os inúmeros obstáculos, pois as condições eram muito precárias. (RIBEIRO, depoimento escrito, 2008).

Naquele primeiro momento o maior obstáculo a ser vencido, segundo o professor Emmânuel, era a extrema deficiência dos alunos no que diz respeito ao conhecimento formal dos saberes musicais, especialmente no que tangia à capacidade de decodificação de partituras, ao domínio do solfejo, às habilidades de percepção e codificação musical, às técnicas de execução instrumental etc. Quanto a isso, os educadores logo sentiram o impacto da fragilidade verificada na história prévia da Educação Musical no Piauí:

Quanto ao nível dos músicos instrumentistas, cantores e cantoras, desconheciam o processo de decodificação de linguagem, excetuando-se, é claro, os de origem militar. Eram, em sua maioria, músicos que tocavam “de ouvido”. [...]. Quanto ao meu instrumento, o violino, só conheciam a rabeca. (MACIEL, depoimento oral, 2008).

De fato, não foi aplicado nenhum teste de habilidades específicas como pré-requisito para o ingresso no Curso. O depoimento da professora Maria Amélia revela a total precariedade por parte dos alunos do curso:

Os alunos, ao chegar, não tinham nenhum conhecimento musical, não possuíam instrumentos para estudar, enfim, eram totalmente despreparados para fazer um curso superior, uma vez que não tinham, sequer, a base necessária para fazer um curso básico [...]. A gente era obrigada a começar do zero, já que eles não tinham a mínima noção de nada! Os professores tinham que alfabetizar o aluno em Música, que desconheciam até a grafia musical. Era o *b-a-bá* mesmo!!! (RIBEIRO, depoimento escrito, 2008).

Ao perceberem a precariedade dos conhecimentos musicais dos alunos, os professores se empenharam em fazer constantes adaptações à grade curricular elaborada previamente, de maneira a suprir essas carências básicas do corpo discente, ao mesmo tempo em que procurava estabelecer uma relação de contextualização com a realidade sociocultural do Piauí dos anos 70.

A análise do fluxograma da LCM nos revela um curso com características técnico-profissionalizantes, que envolvia desde conhecimentos básicos de operação de equipamentos de áudio até o estudo de disciplinas obrigatoriamente impostas pela Lei, como é o caso de Estudo dos Problemas Brasileiros. A maior parte da carga horária – 37% do currículo – era dedicada às disciplinas práticas em Música; 25% era composto por estudos das disciplinas teóricas da área musical, enquanto outros 25% diziam respeito às disciplinas pedagógicas necessárias a todas as Licenciaturas. O restante da carga horária era destinado a disciplinas como Educação Física e Folclore.

As primeiras atividades do ensino superior de Música da UFPI, naturalmente, causaram grande impacto na vida cultural da capital piauiense, gerando, inclusive, divisão de opiniões no meio musical. A postura dos professores continuou sendo a mesma adotada pelos educadores ligados ao CEPI, ou seja, a de procurar adentrar no contexto local e interagir com a classe musical já constituída, juntando-se a grupos existentes e convidando os músicos teresinenses a formar novos agrupamentos musicais. Já dentre os músicos locais, alguns profissionais simplesmente encararam a novidade com desconfiança ou descrença, enquanto alguns outros instrumentistas e cantores optaram por se entrosar com os novos professores e se integrar ao curso nascente. O impacto da criação do curso da UFPI na vida cultural piauiense pode ser comprovado no depoimento do professor Emmânuel:

Eu não tenho receio em afirmar que o panorama musical teresinense pode ser dividido em antes e depois do surgimento do Curso de Música da UFPI. [Anteriormente] não se ouvia Música erudita por aqui [...]. Esse tipo de Música, para as pessoas que casualmente as ouviam, era uma espécie de Música de finados. (MACIEL, depoimento oral, 2008).

A existência de curso superior que preparasse professores de Música era, portanto, suficientemente justificada em relação ao contexto sociocultural do Piauí, uma vez que havia a necessidade da educação estética do povo para a fruição da música erudita, instrumental e vocal, quanto havia a enorme lacuna existente na formação e aperfeiçoamento de músicos profissionais para atuar nos diversos campos do fazer musical presente na vida social.

Quanto à estrutura física disponível, a situação era de evidente precariedade. Segundo Maciel (2008), o curso começou dispondo apenas de um teclado eletrônico e um violão. Também havia disponível um equipamento de som e, posteriormente, um quarteto de cordas – violino, viola, violoncelo e contrabaixo – que havia sido doado pela Embaixada da Alemanha. Os demais instrumentos utilizados para as aulas e as apresentações ou pertenciam aos próprios professores e alunos ou eram cedidos como empréstimo pelo CEPI. O Setor de Arte foi acomodado provisoriamente em algumas salas do SG-09, pavilhão contíguo à Reitoria da UFPI.

Apenas dois vestibulares para a LCM foram realizados, nos anos de 1976 e 1977 e, através desses concursos, foram admitidos, respectivamente, 34 e 31 alunos. Entretanto, essas primeiras turmas da LCM não chegaram sequer a concluir o curso. Com as pressões governamentais pela qualificação de professores para suprir a demanda da Educação Artística na rede de ensino regular, a Universidade acabou optando, no final do ano letivo de 1976, por transformar a LCM em uma graduação de regime pleno e com perfil polivalente, de acordo com os padrões impostos pela LDB/71.

### **3. Considerações finais**

As Oficinas Criativas e a Licenciatura Curta em Música da UFPI marcam o início de um período de grandes modificações na formação musical de instrumentistas e cantores no estado do Piauí – e, conseqüentemente, no ambiente cultural daquela sociedade.

A chegada de experientes professores-músicos, todos com reconhecida atuação em importantes centros culturais do país, trouxe aos artistas locais uma possibilidade de atualização e abertura de perspectivas que, até então, era praticamente impossível. Reginaldo Carvalho, Emílio Terraza, Luís Botelho, Emmânuel Coelho e Carlos Galvão – assim como as

professoras Maria Amélia e Gislene Macêdo, que já viviam em Teresina anteriormente, mas que também tinham obtido sua formação musical fora do estado – foram protagonistas de uma fase decisiva na formação da identidade musical piauiense (FERREIRA FILHO, 2009).

Entretanto, mesmo trazendo sua considerável bagagem intelectual e artística e se dispondo a mergulhar totalmente na aventura de formar educadores musicais em solo piauiense, os primeiros professores universitários de música da UFPI se viram diante dos grandes obstáculos advindos da carência de uma formação básica até então indisponível no estado.

Levaria ainda muito tempo até que os resquícios dessa fragilidade fossem totalmente superados.

## Referências

- ALBUQUERQUE, L. B. Depoimento escrito concedido ao pesquisador João Valter Ferreira Filho. [dezembro, 2008]. Fortaleza. Documento escrito digital (.doc).
- CARVALHO, R. Depoimento oral concedido ao pesquisador João Valter Ferreira Filho. Áudio digital (mp3).
- FERREIRA FILHO, J.V. *História e Memória da Educação Musical no Piauí: das primeiras iniciativas à Universidade*. Teresina, 2009. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação). Teresina: UFPI, 2009.
- MACIEL, E. C. Depoimento oral concedido ao pesquisador João Valter Ferreira Filho. [julho, 2008]. Teresina. Áudio digital (mp3).
- RIBEIRO, M. A. de A. Depoimento escrito concedido ao pesquisador João Valter Ferreira Filho. [outubro, 2008]. Teresina. Manuscrito.
- SILVA, V. Aspectos estilísticos da obra coral de Reginaldo Carvalho. *Música Hodie*. Goiânia. v. 9. n. 1. p. 67-91. 2009.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Centro de Ciências da Educação. *Ato da Reitoria n. 33/76*. Teresina, 1976a.
- \_\_\_\_\_. Centro de Ciências da Educação. *Fluxograma da Licenciatura Curta de 1º Grau em Música*. Teresina, 1976b.
- \_\_\_\_\_. Departamento de Assuntos Acadêmicos. *Relação dos alunos matriculados no curso de Licenciatura Curta em Música - Ano 1976*. Teresina, 1976c.
- \_\_\_\_\_. Departamento de Assuntos Acadêmicos. *Relação dos alunos matriculados no curso de Licenciatura Plena em Educação Artística - Ano 1977*. Teresina, 1977.

## Notas

1. Mais tarde, no ano de 1979, Reginaldo Carvalho também se integrou ao quadro de professores de Música da UFPI.
2. Corroborando a informação, a pesquisa empreendida não localizou nos arquivos da Universidade quaisquer documentos que oficializassem as Oficinas Criativas do DAP.